

## “Não tenho mágoa de ninguém”: a imagem de controle do homem negro apaziguador em narrativas do Fantástico<sup>1</sup>

David BARBOSA<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### Resumo

Neste trabalho, questionamos como a revista eletrônica Fantástico, da TV Globo, narrativiza a reação de homens negros a práticas do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) que atravessam seus cotidianos — mais especificamente, à criminalização. Utilizando a Análise de Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) como método, nos debruçamos sobre duas reportagens sobre jovens negros presos por crimes que não cometeram, veiculadas em 2019 e 2020. Argumentamos que as narrativas construídas pelo programa (re)produzem imagens de controle (COLLINS, 2019) sobre a conduta que se espera dos homens negros diante da violência que sofrem — a cordialidade e o perdão (FANON, 2020) —, ao mesmo tempo que minimizam a relação do racismo com a criminalização destes sujeitos ao optarem por não o nomear, substituindo-o por “erro”.

**Palavras-chave:** Imagens de controle; homens negros; racismo; telejornalismo; criminalização.

### Introdução

Na última década, os sujeitos negros têm ganhado cada vez mais espaço na mídia, embora o contar de suas histórias, majoritariamente, ainda seja provocado e pautado pelo dor do racismo, em suas diferentes manifestações. No bojo dessas coberturas, cenas como a de George Floyd sendo asfixiado até a morte por um policial viralizam nas redes sociais e ganham espaço em telejornais e *sites* de notícias — por vezes, sem qualquer aviso prévio sobre seu caráter perturbador.

Esta profusão das imagens de pessoas negras em sofrimento na contemporaneidade midiaticizada tem suscitado debates sobre seu caráter dual. Por um lado, pautar a violência e o trauma do racismo é uma maneira de denunciar a existência dessas opressões; de amplificar as vozes que, há muito, reivindicam seu direito à vida e à dignidade; e de reconfigurar, assim, a opinião pública sobre as desigualdades (MORAES, 2022). Por outro, corre-se o risco de que a reiteração destas imagens, com pouco ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa — Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano. E-mail: david\_barbosa@id.uff.br.

---

nenhum investimento num trabalho reflexivo sobre as origens e consequências da dor que elas exibem, acabe por transformá-las num espetáculo da necropolítica (MBEMBE, 2016)<sup>3</sup> sob a máscara da denúncia, não apenas limitando a existência dos sujeitos negros ao racismo que sofrem, como também naturalizando-o e apagando seu caráter estrutural (ALMEIDA, 2018)<sup>4</sup>.

Olhar para as narrativas midiáticas sobre os sujeitos negros, neste contexto de intensificação de sua presença na cobertura jornalística, é uma oportunidade de refletir sobre esta encruzilhada onde se situam a representação que denuncia e a representação que reforça práticas de opressão. Com seu conceito de imagens de controle, Collins (2019) nos fornece um rico suporte para este debate. Na perspectiva da autora, “opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade não poderiam continuar a existir sem justificativas ideológicas poderosas” (COLLINS, 2019, p. 135). Um dos instrumentos para isso são as imagens de controle, representações estereotipadas de grupos oprimidos, cunhadas e manipuladas pelos grupos que detêm o poder como forma de justificar e naturalizar essas formas de injustiça social, fazendo com que “pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p. 136).

Com esse ponto de vista, defendemos partir do conceito de Collins (2019) para investigar as imagens de controle produzidas e mobilizadas sobre os homens negros em narrativas<sup>5</sup> midiáticas sobre a sua dor. Particularmente, interessa-nos uma reflexão sobre a narrativização da reação dos homens negros às violências a que são submetidos. A partir de pesquisa exploratória no aplicativo de *streaming* Globoplay<sup>6</sup>, localizamos, nos últimos cinco anos, quatro reportagens do Fantástico que tratam de homens negros presos por crimes que não cometeram e que, mais tarde, provaram sua inocência. Duas delas nos chamaram a atenção por apresentarem estratégias narrativas bastante semelhantes, que convergem para o mesmo lugar: a escolha por dar destaque à fala “não tenho mágoa de ninguém”, proferida por jovens negros vítimas da criminalização. Esta opção editorial suscita a pergunta que motivou a escrita deste artigo:

---

<sup>3</sup> Na perspectiva de Mbembe (2016), o racismo é o que confere ao Estado o poder de fazer morrer nas sociedades contemporâneas, resultando em políticas de morte, isto é, na necropolítica.

<sup>4</sup> A conceituação de Almeida (2018) define o racismo como estrutural no sentido de ser uma prática sistêmica, que estrutura todas as relações sociais. A partir desta estrutura, são estabelecidas condições de subalternidade para determinados grupos e não outros.

<sup>5</sup> Entendemos narrativas como “estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana” (MOTTA, 2013, p. 17).

<sup>6</sup> Ao pesquisar as palavras-chaves “preso injustamente” e “inocência” na barra de busca do aplicativo, localizamos sete reportagens sobre o tema entre janeiro de 2019 e julho de 2023. Dessas, quatro tratavam de homens negros.

---

como são narrativizadas pelo Fantástico as reações dos homens negros à dor do racismo que sofrem? Permite-se que falem de outro lugar que não o da humildade, da cordialidade e da compreensão?

Importa destacar que tomamos o Fantástico como um programa de infotainment, isto é, um produto que procura, ao mesmo tempo, “informar e entreter” (MEDEIROS et al., 2013, p. 130). Entre as estratégias que caracterizam os programas de infotainment, está a personalização dos assuntos abordados: temas sociais são enquadrados em perspectivas pessoais, de modo a facilitar a acomodação das informações pelo público (MEDEIROS et al., 2013, p. 140).

A decisão de estudar o Fantástico se justifica pela proeminência deste produto na programação da TV Globo e nos cotidianos dos brasileiros com acesso à televisão. Após quase 50 anos de exibição ininterrupta, o programa ainda é o campeão de audiência das noites de domingo. Segundo dados da Kantar Ibope, sua audiência esteve, em junho de 2023, em torno dos 17,3 pontos, enquanto o segundo colocado atingiu cerca de 7,8 pontos.

Para analisar as duas reportagens que constituem o corpus deste artigo, recorreremos ao método proposto por Iluska Coutinho (2016), a Análise da Materialidade Audiovisual, que toma como objeto a unidade texto+som+imagem+tempo+edição. Entendemos que este método de análise permite tanto uma observação panorâmica quanto um olhar detalhado para as nuances de cada produção audiovisual jornalística, levando em consideração não apenas os sentidos despertados pelo texto ou pela fotografia, mas também pelo tempo, divisão, trilha sonora, efeitos visuais, uso de artes — enfim, pela totalidade de estratégias que produzem o sentido de uma reportagem de TV. Nesta pesquisa, elaboramos uma ficha de leitura composta pelos seguintes eixos: abordagem do racismo (infográficos, números, falas de especialistas); emoções de que falam os personagens; discurso das fontes oficiais e especialistas; discurso dos homens negros vitimados; distribuição do tempo; imagens de cobertura; percurso da narrativa (apresentação, clímax, desfecho); falas do repórter (perguntas, *offs* e passagens); título no Globoplay.

### **“Seja mais humilde, baixe a cabeça, nunca revide, finja que esqueceu”**

O lugar da humildade e da subserviência é o primeiro a ser observado por Collins (2019) em sua reflexão sobre as imagens de controle. Em sua obra “Pensamento Feminista Negro”, a autora conceitua a imagem da *mammy*: a mulher negra mais velha,

carinhosa e gentil com a família branca à qual serve, coadjuvante aos dilemas e dores de seus padrões, generosa apoiadora, incapaz de se rebelar ou de reclamar. A ela cabe o papel da doce obediência, a submissão e o silêncio, o eterno perdão e o constante "tudo bem".

A primeira imagem de controle aplicada às mulheres negras estadunidenses é a da *mammy* — a serviçal fiel e obediente.. [...] Mesmo que seja querida e tenha autoridade considerável em sua ‘família’ branca, a *mammy* conhece seu ‘lugar’ como serviçal obediente. Ela aceita sua subordinação (COLLINS, 2019, p. 140).

No Brasil, esta imagem foi atualizada por Gonzalez (1984) como a Mãe Preta. Uma das importantes contribuições feitas pela autora a esta conceituação foi ressaltar que a Mãe Preta também é aquela que, enquanto cuida da família branca — sem nunca, de fato, a ela pertencer —, sofre “as consequências da violência policial naturalizada em relação às pessoas negras e à exploração sexual, e que precisam superar tragédias cotidianas na luta por sobrevivência” (BAIENSE; SILVA, 2021, p. 202). Isto é, a Mãe Preta sobrevive cuidando com todo o carinho e humildade da família branca, mas essa pretensa inserção no seio da branquitude<sup>7</sup> (que nunca se completa, já que ela sempre será “como da família”) não a protege das violências sociais, pelo contrário: trabalha e cuida enquanto silencia a dor de ter que lidar com o assédio, a fome, o abuso policial e, muitas vezes, o assassinato de seus familiares e amigos pelo Estado.

Partindo das conceituações de Collins (2019) e Gonzalez (1983/2020), é possível pensar sobre os elementos centrais destas duas figuras: a obediência, a subordinação, a humildade. O que a branquitude espera que a *mammy* e a Mãe Preta façam quando sofrem o racismo, direta ou indiretamente? Que se recolham ao quarto dos fundos? Saiam em silêncio pela porta de serviço? Relevem? Ou que vão para a rua e incomodem os ouvidos do mundo denunciando o absurdo da violência que sofreram, como bravamente tem feito Mirtes Santana desde que Miguel foi assassinado pela negligência de sua patroa?<sup>8</sup> Em “Pele negra, máscaras brancas”, Fanon (2020) não analisa especificamente a intersecção de gênero, mas é possível traçar um diálogo de seu pensamento com o de Collins, quando ele tensiona esta conduta que o mundo branco espera dos sujeitos negros:

---

<sup>7</sup> Bento (2022) conceitua a branquitude como uma identidade comum criada pelos europeus (brancos), no bojo do processo de colonização, usando os africanos (negros) como principal contraste. “A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão” (BENTO, 2022, p. 29).

<sup>8</sup> Em 2 de junho de 2020, no auge da pandemia da Covid-19, o menino Miguel, de apenas cinco anos, morreu ao cair no fosso do elevador de um prédio de luxo de Recife. Ele deveria estar sob os cuidados de Sarí Corte Real, patroa de sua mãe, Mirtes, enquanto a então empregada doméstica (hoje estudante de Direito) passeava com o cão da família. Sarí, porém, não prestou a atenção necessária ao menino, deixando-o sair sozinho em busca da mãe. Desde a morte de Miguel, Mirtes tem incansavelmente lutado por reparação e justiça para a população negra brasileira.

---

Enquanto eu esquecia, perdoava e somente desejava amar, minha mensagem me era devolvida como uma bofetada em pleno rosto. O mundo branco, o único respeitável, negava-me qualquer participação. De um homem se exigia uma conduta de homem. De mim, uma conduta de homem negro [*noir*] — ou, se tanto, uma conduta de negro [*nègre*] (FANON, 2020, p. 129-130).

O negro visa o universal, mas nas telas é mantida intacta sua essência negra, sua ‘natureza negra’:  
*‘sempre servente  
sempre obsequioso e sorridente...’* (FANON, 2020, p. 198).

Essa servilidade silenciosa que serve de base para imagens de controle sobre sujeitos negros, inclusive para a *mammy* e a Mãe Preta, é tensionada nos versos de Emicida, uma das mais importantes referências contemporâneas do rap brasileiro. O refrão da canção “Mandume” destaca: “Eles querem que alguém que vem de onde nós vem seja mais humilde, baixe a cabeça, nunca revide, finja que esqueceu, e coisa toda. Querem que a gente se...” (EMICIDA, 2015). Ribeiro (2020), em seu artigo “Eu decido se vocês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong”, também parte dos versos do artista para questionar uma imagem de controle baseada no dócil silêncio do homem negro diante das opressões que sofre. O autor afirma que as imagens de controle sobre homens negros operam sobre uma dualidade: aquele que recusa a cordialidade diante da dor que lhe é causada quase sempre é colocado pela branquitude no lugar do negro agressivo, restando-lhe, portanto, a reação contida, apaziguadora:

O título desta intervenção, ‘Eu decido se ‘cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong’, é transcrição direta de um verso da composição *Eminência Parda*, composta por Emicida, Jé Santiago e Rui, presente no álbum *AmarElo* (2019), e expressa as possibilidades político-subjetivas do homem negro frente à sociedade marcada pelo racismo estrutural: ou se comporta de forma cordial (como King) ou com agressividade (como Kong). O recurso alegórico desta música é interessante para pensarmos as imagens de controle e adjetivações derivadas sobre o homem negro [...]. Se este homem age de forma cordial é tido como amigável, mas se contraria o sistema é lido como agressivo. Contestar não faz parte da agenda político-subjetiva do homem negro (RIBEIRO, 2020, p. 120).

A esta imagem do homem negro cordial, Ribeiro (2020) dará o nome “Pai João”. É importante ressaltar que, embora a imagem original do Pai João conceituada pelo autor remeta à figura de um homem negro mais velho, o elemento central desta representação, assim como a da *mammy*, não é a idade: é a condição de bondade, de apaziguamento, de “sim, senhor!” e “tudo bem”. Portanto, vale destacar que esta figura não é se refere exclusivamente aos homens negros idosos: é a imagem do negro apaziguador, que

---

corresponde à expectativa da branquitude sobre o comportamento dos sujeitos negros, como destaca Fanon (2020).

Na perspectiva de Ribeiro (2020), o homem negro que diz “não” de maneira assertiva ou recusa a cordialidade diante da dor que lhe é causada quase sempre é colocado pela branquitude no lugar do negro agressivo ou do negro arrogante. É importante ressaltar que isto também acontece com as mulheres negras — outras figuras de controle conceituadas por Collins (2019) darão conta disso. Entretanto, ao corpo negro masculinizado é mais acentuadamente atribuída, como aponta hooks (2022), a imagem de causador de dor por meio da violência: somos vistos pela branquitude como os *Kong*, os irracionais, os brutais, os animalescos.

De acordo com a ideologia racista, a submissão supremacista branca do homem negro foi necessária para conter a imagem de besta desumanizada. [...] Homens negros que rejeitam estereótipos machistas racistas ainda precisam lidar com a imposição de qualidades que não têm relação com sua experiência de vida. Por exemplo: um homem negro que é escrupulosamente honesto pode ter de lidar com colegas de trabalho tratando-o com suspeita, porque eles veem todos os homens negros como vigaristas disfarçados. Homens negros não violentos encaram, todos os dias, um mundo que os vê como violentos (HOOKS, 2022, p. 110-111).

Como numa gangorra, o homem negro é jogado de um lado para outro pelas imagens de controle, sendo posicionado ora na humildade silenciosa, ora na agressividade desumanizada. Esta última recobre, fortalece e justifica a prática opressiva da criminalização — mais um reflexo do racismo estrutural (ALMEIDA, 2018). Misse (2008) nomeia como "acumulação social da violência" a atribuição de uma criminalidade em potencial a determinados sujeitos e não outros: vistos como potencialmente violentos, estes sujeitos estão mais suscetíveis ao encarceramento em massa e ao abuso policial.

É como se alguns fatores sociais se alimentassem reciprocamente em algo como uma causação circular acumulativa, gerando, de um lado, acumulação de desvantagens para um segmento da população e, de outro, estratégias aquisitivas partilhadas tanto por agentes criminais quanto por agentes encarregados de reprimi-los, de um modo que ganhou diferentes graus de legitimação em importantes camadas da sociedade mais abrangente. Além da associação entre acumulação de desvantagens e incriminação preventiva de certos ‘tipos sociais’, desenvolveu-se um persistente processo de ‘sujeição criminal’ de uma parcela de agentes de práticas criminais (MISSE, 2010, p. 18).

As estatísticas são insuficientes, mas revelam o atravessamento racial desta acumulação social da violência. Segundo os Dados Estatísticos do Sistema Penitenciário (SISDEPEN) mais recentes, em junho de 2022 a população prisional brasileira somava

---

652.007 pessoas. 95,6% delas eram homens. O levantamento possui informações sobre a cor/raça de 588.117 pessoas privadas de liberdade. 67,8% delas eram negras. Embora o sistema não permita o cruzamento dos dados para apurar assertivamente quantas dessas são homens negros, os números disponíveis possibilitam afirmar que este é o grupo mais assujeitado criminalmente em nosso país.

### “Não tenho mágoa de ninguém”

Quase um ano e meio separam a exibição original das matérias sobre os casos Leonardo Nascimento e Douglas de Freitas pelo Fantástico. Em janeiro de 2019, Leonardo, DJ e jovem negro de pele retinta, morador da Zona Oeste do Rio de Janeiro, é preso sob a acusação de matar um jovem branco, Matheus Lessa, durante um assalto. O caso ganha duas reportagens: na primeira, exibida em 20 de janeiro daquele ano, destaca-se o assassinato de Matheus e o sofrimento de sua família diante da perda do único filho. Na segunda, exibida uma semana depois, quando Leonardo já havia provado sua inocência, explora-se a dor do jovem pela prisão injusta, fazendo-se um paralelo com a dor da família de Matheus<sup>9</sup>. Como Leonardo só fala na segunda reportagem, escolhemos nos debruçar sobre ela neste artigo. A matéria analisada tem 6 minutos e 55 segundos.

Disponível no aplicativo de streaming Globoplay com o título “Não tenho mágoa de ninguém, diz jovem que foi preso injustamente”, a matéria sobre Leonardo Nascimento abre com uma chamada em *off* do repórter, que anuncia “uma entrevista exclusiva com o jovem que ficou uma semana preso injustamente, acusado de matar o rapaz que tentou salvar a própria mãe num assalto”. Nesta chamada, as imagens de cobertura são o encontro de Leonardo com o repórter, o momento de sua soltura, uma imagem de Matheus Lessa (o jovem assassinado) e uma cena da mãe deste, Carla, olhando a foto do filho.

Na sequência seguinte, é exibida a chegada de Leonardo à delegacia no dia em que foi preso, seguida por uma cena de Carla no enterro de Matheus. É Leonardo quem fala aqui, primeiro como *off*, depois aparecendo na tela: “Eles me pegaram na quarta-feira e o acontecido foi tido na terça, então aquela mulher ‘tava’ muito abalada. Poxa, perder um filho não é fácil pra ninguém.” A próxima sequência mescla a locução do repórter (“O

---

<sup>9</sup> Debruçamo-nos sobre este paralelo em trabalho anterior, de conclusão do curso de Jornalismo (BARBOSA, 2020). A pesquisa iniciada naquela ocasião deu origem à que está sendo desenvolvida atualmente no mestrado em Mídia e Cotidiano, da qual este artigo é um resultado preliminar.

DJ Leonardo Nascimento foi preso injustamente, mas ele diz não ter raiva de quem o acusou”) com imagens do jovem aos prantos (“Ninguém merece passar por aquilo, não. Não tenho mágoa de ninguém, não quero justiça. Só quero ficar com a minha família, com meus amigos”).

No primeiro bloco da reportagem, faz-se um *flashback* da soltura de Leonardo, com breves entrevistas de seus familiares, e outro da morte de Matheus Lessa. Na primeira vez em que Leonardo fala, ressalta a vergonha que sentiu ao ser preso: “(...) Meus amigos tudo no portão, meu pai... E eu sem poder falar, sem poder explicar para o meu pai o que estava acontecendo. (...) Mas ali eu estava tranquilo, sabendo que não fui eu”. Ao longo do próximo minuto, repetem-se as imagens do enterro de Matheus, da fachada da delegacia e da prisão de Leonardo enquanto se exibem entrevistas com o delegado responsável pelo caso, que justifica o “erro” na diligência de reconhecimento que levou à prisão de Leonardo, e com um especialista em Direito, que explica qual deveria ter sido o procedimento correto. Somente depois dessa sequência, aos 4 minutos e 48 segundos da matéria, Leonardo descreve sua experiência na cadeia. Ele está sentado de frente para o repórter e chora mais uma vez enquanto fala. A cada frase do jovem, há um corte sutil, o que nos leva a perceber que o trecho é composto de vários recortes da fala do rapaz, reorganizados pela edição do programa.

Cara, eu fui jogado numa cela com 85 pessoas. Foram momentos ‘horível’, entendeu, porque no momento que eu cheguei lá, pela repercussão do caso, como foi o caso, eu cheguei lá como um monstro, sabe. Mas aí eu não julgo a família daquele garoto, jamais eu julgaria. Eu só podia suportar aquilo tudo calado, só tinha como eu suportar aquilo tudo calado, entendeu (NÃO TENHO MÁGOA, 2019, n.p.).

A próxima sequência é o clímax da matéria: Leonardo vai à delegacia “limpar sua ficha”, como anuncia o repórter no *off*. Enquanto ele espera na recepção, a mãe de Matheus, Carla, chega ao local. Leonardo se levanta e a abraça. Chorando, o jovem diz: “Eu sinto muito pela perda do seu filho. Mas eu espero que a senhora continue firme, ‘tá’ bom. A perda de um filho querido, ela é muito grande, entendeu, e em nenhum momento eu julguei a senhora por ter me apontado de alguma forma, entendeu”. O trecho também apresenta marcas de edição, por meio de cortes sutis e diferentes enquadramentos. Carla responde: “Eu sempre pedi a Deus que Deus fizesse justiça, né, e Deus não é injusto e não ia deixar nenhuma injustiça ser cumprida”. A própria matéria não explica o que Carla foi fazer na delegacia além de encontrar Leonardo, havendo, portanto, a possibilidade de



---

que o encontro tenha sido provocado pela produção da reportagem. O encerramento da matéria mostra outras imagens desta ocasião, nas quais as duas famílias se abraçam.

Observamos que, em nenhum momento, a reportagem menciona estatísticas sobre a população carcerária brasileira, ou cita o termo “racismo”, ou associa a prisão injusta do personagem principal à criminalização dos sujeitos negros, ou denuncia outras práticas racistas de opressão. A forma como o programa narra o acontecimento, descolada de qualquer reflexão sobre a criminalização de homens negros na sociedade brasileira, acaba por representá-lo como um caso isolado, justificável: um “erro” causado por testemunhas que estavam “muito abaladas”, um fato diverso no mar de acontecimentos cotidianos, sem que se faça qualquer relação com a estrutura racista (BARBOSA, 2020).

Esta narrativa é corroborada pelas escolhas da edição das aspas de Leonardo: suas falas reforçam, em vários momentos, seu entendimento de que deveria manter uma postura silenciosa e compreensiva sobre o racismo que sofreu, colocando a dor das pessoas brancas que o acusaram acima da sua própria. Tal escolha editorial reforça, assim, a “conduta esperada” do homem negro diante da violência que sofre (FANON, 2020). Naquele momento, apesar do intenso sofrimento que vivia, ele não devia falar.

### **“Se erros ocorrerem...”**

Exibida em julho de 2020, a matéria sobre o caso de Douglas de Freitas inaugura um quadro especial do Fantástico sobre pessoas acusadas de crimes que não cometeram: o “Projeto Inocência”, que, até o momento de escrita deste artigo, somava apenas quatro matérias, veiculadas entre 2020 e 2022. O quadro nasce da atuação de uma organização internacional de advogados, o Innocence Project, fundada nos anos 1990 nos Estados Unidos e atuante em dez países. Disponível no Globoplay com o título “Projeto Inocência: nova série mostra histórias de condenados injustamente no Brasil”, a reportagem tem 15 minutos e 11 segundos, mais que o dobro do tempo dedicado ao caso de Leonardo.

A chamada da matéria destaca a atuação do projeto: “Você vai conhecer o trabalho de advogados voluntários que acompanham possíveis erros judiciais”. Esta é a primeira menção à criminalização dos sujeitos negros como “erro”. A matéria abre com trechos da audiência de custódia do jovem. Em seguida, uma das advogadas do projeto entra em cena. Sentada em seu escritório, ela diz: “Imagina o que é o desespero de uma pessoa que se vê condenada e presa por alguma coisa que ela não fez, e que não se sente ouvida por

ninguém”. No fim desta sequência, a câmera em *plongée* captura o rosto de Douglas, um jovem negro de pele clara, com lábios grossos e cabelos curtos. Ele olha de baixo para cima — ângulo que remete a humildade, a uma posição de menor poder — enquanto sua voz, em *off*, diz: “É uma dor no coração, porque todo dia olhar para uma coisa que você não fez e pagar não é um sentimento normal. Você ‘tá’ pagando por uma dor que não é sua”.

Diferentemente da cobertura sobre o caso de Leonardo Nascimento, aqui o Fantástico dedica um trecho à discussão sobre as razões estruturais da recorrência de prisões de pessoas negras por crimes que não cometeram. Nele, o repórter questiona a uma das advogadas do projeto “quem são as vítimas do erro judiciário brasileiro”. Ela responde que “são as mesmas vítimas do sistema carcerário brasileiro: os pobres, os negros, as pessoas que têm menos acesso à justiça. Esse é o público mais afetado pelo erro judiciário no Brasil”. A matéria apresenta, então, infográficos sobre a população carcerária brasileira ( $\frac{2}{3}$  dessa população, em 2019, eram pessoas negras). Enquanto são exibidas imagens de pessoas amontoadas em celas, operações policiais em favelas e pessoas negras sendo presas e agredidas por policiais, a mesma advogada afirma: “É para lugares como esse que o sistema punitivo do Estado manda uma quantidade desconhecida de inocentes com o mesmo perfil”. A outra complementa: “Já nasce com uma pecha de suspeita. O caso do Douglas é quase uma aula do que pode levar ao erro judiciário”.

Apesar dessa discussão, em nenhum momento a matéria menciona a palavra “racismo”. Por sua vez, os termos “erro”/“errar” aparecem onze vezes, sempre em referência à prisão de sujeitos negros por crimes que não cometeram. Seis delas acontecem nos primeiros quatro minutos da matéria. Do total de ocorrências, três estão em falas do repórter; uma, na chamada feita pelo apresentador; quatro, nas falas de especialistas (as advogadas do Projeto); três, na de um desembargador, único representante do Poder Judiciário que participa da matéria. Há, ainda, uma vez, o uso do termo “falha” por uma das advogadas.

A próxima sequência narra o momento da prisão de Douglas. Acompanhado de seu avô, ele visitava amigos em Vila Sônia, bairro da periferia de São Paulo. Em um dado momento, dá-se início a uma operação da Polícia Militar. Douglas, que passava na rua com uma criança no colo, é abordado por um policial, que o força a colocar uma mochila cheia de drogas nas costas e o prende, em seguida, por tráfico. A reportagem mescla

---

imagens de câmeras de segurança do antes, durante e depois da prisão do jovem, cenas da capital paulista e depoimentos de Douglas e de seu avô ao repórter.

Destacam-se, aqui, três momentos: num deles, o repórter pergunta ao jovem “E você botou a mochila?”, ao que ele responde “Botei. Cheio de arma, o que vou fazer?”. Na próxima cena, o repórter pergunta ao avô de Douglas, também um homem pardo, o que ele fez quando viu a cena. O avô responde: “Baixei a cabeça. Não tinha o que fazer.” O terceiro momento que salta aos nossos olhos é a primeira fala da mãe de Douglas, uma mulher branca, na matéria, exibida na sequência desses dois depoimentos: “Dá raiva, porque você vê assim o mundo em que nós ‘vive’, né. Pessoa presa inocente quando se tem tanta gente errada no mundo.”

Na penúltima sequência da matéria, uma das advogadas diz: “Não há ninguém que não possa dizer que uma falha é possível de acontecer. Somos seres humanos. Reconhecer que ela acontece e melhorar a partir daí é demonstração de um Poder Judiciário que é atento e que quer, sim, ser cada vez mais justo”. A última fala da matéria é a do desembargador, que reafirma que “ao Judiciário interessa que seus integrantes errem o menos possível. Se erros ocorrerem, as instâncias superiores irão corrigir os erros”. Na próxima sequência, de encerramento da reportagem, Douglas, sua mãe, a advogada e o repórter se encontram no Tribunal, após a notícia de sua absolvição. O repórter pergunta ao jovem: “Você tem algum ressentimento, alguma mágoa dos dias na cadeia?”. A câmera focaliza Douglas, de braços cruzados, numa discretíssima *contraplongée* — isto é, olhando de cima, o que remete a uma postura de superioridade. Ele balança a cabeça e responde: “Não, tenho nada, não. Aquilo que não mata a gente fortalece.” O repórter o abraça e diz: “Bola ‘pra’ frente, aí”.

Pensando no percurso das emoções na narrativa desta reportagem, observa-se que ele inicia por meio de uma terceira pessoa, a advogada, cuja fala conduz o espectador a partir de um lugar de empatia pelo sentimento de desespero de quem sofre uma injustiça e não se sente ouvido. Quando fala sobre o que sente, Douglas usa a palavra dor, uma “dor que não é dele”, pois se origina de algo que ele não fez, e ressalta sua impotência diante da injustiça da prisão — e do poder de morte dos policiais. Diversas vozes ao longo de toda a narrativa, do repórter/âncora aos especialistas, reiteram que tudo não passou de um “erro”, mas a raiva surge somente no discurso de uma pessoa — a mãe do rapaz, uma mulher branca. Termina-se com um final feliz: o jovem é absolvido e, provocado por uma pergunta do repórter, também absolve a estrutura social racista ao dizer “não sentir

---

mágoa”, tal como na primeira matéria aqui analisada, e o próprio repórter dá a palavra final: “bola ‘pra frente” — expressão que carrega toda uma gradação de sentidos relacionados ao ato de superar, incluindo o perdão e o esquecimento.

### **Considerações finais**

Por meio da análise das duas reportagens, utilizando-se da Análise de Materialidade Audiovisual como método, é possível afirmar que ambas as narrativas colocam dois homens negros diferentes no mesmo lugar: o de negro apaziguador, de postura subserviente, dócil e compassiva, capaz de absolver a branquitude de sua culpa, tal como preconiza a imagem de controle do Pai João (RIBEIRO, 2020, p. 130). Expostos cotidianamente a esta e outras imagens, as falas dos jovens selecionadas pela edição podem ser compreendidas como estratégias (conscientes ou não) de sobrevivência ao racismo: afinal, como argumentam Ribeiro (2020) e Emicida (2015), para o homem negro só há dois lugares: ou King, ou Kong. Ao se calarem, perdoarem e declararem não sentir mágoa ou raiva, os jovens evitam as punições (simbólicas ou concretas) a que podem ser submetidos se forem vistos como negros agressivos em vez de cordiais. Kilomba (2019) nos chama a atenção para o fato de que as falas dos sujeitos negros não são gratuitas: paga-se um preço por falar e fala-se sempre sob tensão — não se pode falar sobre tudo, nem de qualquer jeito, sob pena de sofrer as consequências de se contrariar as expectativas da branquitude (FANON, 2020).

Entretanto, o que se pretende destacar neste artigo é a escolha editorial do Fantástico ao decidir narrar histórias de jovens negros presos injustamente como “erros judiciários”, recusando-se a nominalizar o racismo, causa deste “erro”, e destacando a postura apaziguadora dos jovens, que alcançam o “final feliz” apesar de toda a dor a que foram submetidos — mais do que por serem absolvidos, por também serem capazes de absolver o “falho” sistema que nos encarcera, subjuga e mata. Entendemos que o programa, ao explorar intensamente as imagens dos jovens negros em sofrimento, constrói narrativas melodramáticas (MATHEUS, 2011)<sup>10</sup> em que estes sujeitos são as vítimas que sofrem resignadas e o vilão é um “erro judiciário”. Não há um agente. O racismo, causa do “erro”, aparece de maneira implícita, sem ser nominalizado. Ao optar

---

<sup>10</sup> “No melodrama, a vítima encarnava a dor, sempre injusta, mas também costumava ser identificada como a heroína, alvo de sofrimento edificante. Sua força estava em sofrer resignada” (MATHEUS, 2011, p. 40).

por narrar a prisão injusta de jovens negros como “erros” causados por fenômenos sociais não-nominalizados, a edição da matéria acaba por eclipsar o racismo, tornando-o um tabu, encobrindo-o enquanto prática sistêmica causadora de desigualdades.

Mesmo se praticado de maneira não intencional, este silêncio, aponta Almeida (2018), é uma das estratégias principais da branquitude para a manutenção do racismo. É fundamental, como afirma Fanon (2020), recusar a amputação oferecida pelas imagens de controle e tensionar as narrativas que se produzem sobre os sujeitos negros, para que as práticas de opressão a que estamos submetidos possam ser combatidas.

No entanto, recuso com todo o meu ser essa amputação. Sinto em mim uma alma tão vasta quanto o mundo, uma alma realmente profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tem um poder de expansão infinito. Sou dádiva, mas me aconselham a humildade do inválido... (FANON, 2020, p. 153).

Para não concluir, voltemos a Collins (2019, p. 177), que nos lembra que “uma das formas de sobreviver ao desrespeito cotidiano e aos ataques diretos inerentes às imagens de controle é ‘se rebelar’. É nesse momento que o silêncio se transforma em fala, que a quietude se transforma em ação.” Com este posicionamento, a autora nos lembra que a autodefinição é o caminho: é preciso romper com as representações ancoradas no racismo estrutural e escrever, de outras maneiras, nossas próprias histórias. Para tanto, requer-se um olhar questionador para as histórias que já estão por aí sendo contadas sobre nós, de modo que possamos reconhecer e desarmar as armadilhas em que o racismo estrutural nos coloca antes de nelas cairmos.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BARBOSA, D. **A criminalização do sujeito negro na mídia brasileira: análise da cobertura do Fantástico sobre o caso Leonardo Nascimento**. 2020. 25 f. Projeto Experimental (Jornalismo) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2020.

BRASILEIRÃO FEMININO dá mais Ibope que 96% das edições do Esporte Espetacular na Globo. **Na telinha**, 26 jun. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2023/06/26/brasileirao-feminino-da-mais-ibope-que-96-das-edicoes-do-esporte-espetacular-na-globo-198793.php>. Acesso em: 03 jul. 2023.

BRASILEIRÃO FEMININO DESBANCA ditado de que não dá Ibope e supera filmes e The Masked Singer. **Na telinha**, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2023/06/19/brasileirao-feminino-desbanca-ditado-de-que-nao-da-ibope-e-supera-filmes-e-the-masked-singer-198547.php>. Acesso em: 03 jul. 2023.

CASO MIGUEL: 'eu não enxergava o racismo', diz mãe do menino que morreu ao cair de prédio de luxo. **G1**, 14 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2022/06/14/caso-miguel-eu-nao-enxergava-o-racismo-diz-mae-do-menino-que-morreu-apos-cair-de-predio-no-recife.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2023.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016, São Paulo. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2016. v. 1. p. 176-190.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020

FELIX, C. B.; SILVA, L. C. Heroínas de todo mundo: mulheres negras que resistem às imagens de controle. **Revista Alaic**, v. 21, n. 39, 2022. Disponível em: <http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/799>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

HOOKS, b. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. São Paulo: Elefante, 2022

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MANDUME. Intérprete: Emicida, Drik Barbosa, Rico Dalasam, Amiri, Raphão Alaafin e Muzzike. Compositor: Emicida, Rafael Tudesco, Drik Barbosa, Rico Dalasam, Amiri, Raphão Alaafin, Muzzike. In: **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa**. Intérprete: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma/Sony Music, 2015. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7JEFQNPdF5yUePOuTAG5fs>. Acesso em: 19 mai. 2023.

MATHEUS, L. **Narrativas do medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2011.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte&Ensaio**, n. 32, p. 123-151, 2016.

MEDEIROS, F. et al. Ciência e Tecnologia em um programa de *infotainment*: uma análise de conteúdo da cobertura do Fantástico. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 127-147, jan./jun. 2013.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". **Lua Nova** [on-line], n. 79, p. 15-38, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452010000100003>. Acesso em: 10 ago. 2023.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MOTTA, L. G. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

NÃO TENHO MÁGOA de ninguém, diz jovem que foi preso injustamente. **Globoplay**. 27 jan. 2019. 6min55. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7333166/?s=0s>. Acesso em: 09 mai. 2023.

PROGRAMA SILVIO SANTOS tem melhor audiência em 2 anos com especial e bate a Globo. **Na telinha**, 05 jun. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2023/06/05/programa-silvio-santos-tem-melhor-audiencia-em-2-anos-com-especial-e-bate-a-globo-198049.php>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PROJETO INOCÊNCIA: nova série mostra histórias de condenados injustamente no Brasil. **Globoplay**. 26 jul. 2020. 15min11. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8728168/>. Acesso em: 09 mai. 2023.

RIBEIRO, M. Eu decido se ‘cês vão lidar com king ou se vão lidar com kong’: homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. **Humanidades e Inovação**, v.7, n.25, 2020, p. 117-133. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4911/2243>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SÃO PAULO X PALMEIRAS bomba na Globo e é programa mais visto do dia. **Na telinha**, 12 jun. 2023. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/audiencias/2023/06/12/sao-paulo-x-palmeiras-bomba-na-globo-e-e-programa-mais-visto-do-dia--198304.php>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SISDEPEN, Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento de Informações Penitenciárias**: painel interativo janeiro a junho/2022. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNjRmNDUxNWItZGExYy00NmRiLTgxYWMtOTZlYUQ3NGEwMjVhIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>. Acesso em: 18 de maio de 2023.